O PASSO ADIANTE NA AGRICULTURA BRASILEIRA

PAULO HERRMANN
Presidente da John Deere Brasil e vice-presidente de Marketing e Vendas para a América Latina da John Deere



NO CAMPO da Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (ABC), o Brasil tem liderado diversas iniciativas no sentido de aumentar a eficiência produtiva da agricultura tropical e posicionar o País como um dos responsáveis por prover proteínas e fibras para a crescente população mundial.

A principal via é a adoção de uma atividade agrícola mais intensiva e eficiente, integrando diferentes sistemas de produção na mesma unidade produtiva: a chamada integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF).

Fazer iLPF é ter agricultura, criação de animais e árvores plantadas em um local único, independentemente da região, do clima e do tamanho da propriedade. Mais importante: protege biomas, trabalha para recuperar áreas degradadas e resguarda florestas nativas. É a melhor forma de contribuir com o Plano ABC e, em consequência, com as metas do governo brasileiro ratificadas no Acordo de Paris (COP-21).

Trata-se, de fato, de uma revolução no campo e na imagem do agronegócio.

Na década de 1970, houve o plantio direto; vinte anos depois, avançou-se para duas safras. E, agora, tem início a era da otimização de ativos, com uma produção agrícola realizada de forma equilibrada do ponto de vista ambiental.

É a forma mais inteligente de resolver o paradigma que coloca a necessidade crescente por alimentos em todo o mundo e que, ao mesmo tempo, alerta para a impossibilidade legal e ética de abrir novas áreas naturais para responder tal demanda.

A tecnologia iLPF nasceu há trinta anos e, desde então, foi refinada cientificamente pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Em 2012, com a criação da Associação Rede ILPF, da qual a John Deere é ativa apoiadora, ampliou-se a difusão por meio de dias de campo, pesquisas e assistência técnica aos produtores. Hoje, são 11,5 milhões de hectares com a integração ecossistêmica. Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rio Grande do Sul despontam na liderança.

Do ponto de vista do agricultor, a iLPF é a melhor opção para tirar vantagem da localização geográfica do País e mitigar riscos climáticos e econômicos. O resultado é valor agregado na produção e na rentabilidade.

A revolução produtiva sob a ótica ambiental cruza a conservação ambiental. A integração de sistemas outrora danosos à flora e à fauna pode incrementar a biodiversidade de uma área produtiva.

Para tanto, é preciso uma gestão diferente, com outro controle do fluxo de caixa, além de um sistema para manejar cultura por cultura e saber onde estão as oportunidades de melhoria.

Em suma: produzir e preservar estão, hoje, na mesma frase.

Os consumidores ficam mais preocupados com a qualidade da alimentação. As questões das sanidades animal e vegetal e do equilíbrio ambiental passam a ser determinantes para dizer quais mercados irão vencer as concorrências na competição internacional para suprir alimentos e energia renovável. O Brasil possui a oportunidade de aumentar ainda mais a sua importância agropecuária e a sua responsabilidade ambiental para a redução de danos ambientais. ■